

O Tempo que vibra em mim.

Se o relógio me dissesse que, por causa dos dois minutos a mais no útero da minha
mãe,

Eu não encontraria o tempo de andar,
Então eu desejaria meditar:
Qual o anseio de se amar?

Amar e amar...

O tempo de espera, do copo de água que não dá para pegar?
Mas, ainda assim, o sonho vibra
Na vontade de saber como é pular.

Logo, lembro-me do relógio,
Que não faz minha paralisia parar de vibrar,
Seja na conquista de aprender a me olhar
Ou no desejo de poetizar...

E, assim, esqueço a frustração
De não entender o que é andar!

Tempo, você não me fez andar,
Então decidi protestar
De uma forma que ninguém poderia deixar de escutar.

Seja no afago de um poema,
Que me fez resignificar,
Seja na lágrima de alguém
Que nunca soube o que é andar.

Mas faço desta poesia
Não um ato de melancolia,
E sim um desejo de alegria,
Nem que eu abra uma ouvidoria,
Para que o mundo entenda:

O cadeirante pode viver amores
De uma forma jamais compreendida.

Então, discutiria com a bateria do meu relógio,
Para que, nos sete cantos, compreendessem
Que a expressão deste mundo cheio de escadarias
Faz de um cadeirante um amante da poesia.

Wesley Santos de Oliveira

